

XXII ENACED – II SIEPEC

Eixo Temático: 4.Educação e Democracia

A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO CRÍTICO NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Dione B. Salviano<sup>1</sup>  
Alana Rigo Deon<sup>2</sup>  
Paula Terres Carvalho<sup>3</sup>

**RESUMO**

O texto objetiva discutir a importância do pensamento crítico na geografia escolar. Para tal faz um resgate dos saberes necessários para uma educação autônoma como: formação científica, reflexão, problematização e diálogo, entendendo-os como aportes necessários ao desenvolvimento do pensamento crítico na geografia escolar. Após, discute a contribuição da geografia para o pensamento crítico. O trabalho é bibliográfico de cunho qualitativo tendo como referência as discussões realizadas, principalmente, por Paulo Freire no âmbito da educação e Helena Copetti Callai em seus escritos sobre educação geográfica. Considerando as práticas apontadas por Freire e Callai, utilizando conceitos e categorias da disciplina na escola, é possível encaminhar para um aprendizado que estimula o pensamento crítico e autônomo dos educandos.

**Palavras-chave:** Educação. Geografia. Pensamento Crítico.

**INTRODUÇÃO**

Por muito tempo o ensino tradicional, fundamentado no ensino bancário, foi a prática pedagógica que predominou na educação escolar. Nele, o professor era o detentor do conhecimento, tido com uma verdade absoluta, e este repassava esses conhecimentos aos estudantes, sem possibilidade de questionamento. Na atual conjuntura, as informações não perpassam apenas pelas mãos dos professores, os estudantes cotidianamente por meio das tecnologias têm acesso em tempo real as informações através da internet.

Assim, a educação pelo viés bancário em que o estudante é um depositário de conhecimentos não se sustenta mais, por isso é necessário buscar no processo de ensino outras

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação nas Ciências pela Unijuí. Professora de Geografia. Integrante do grupo de pesquisa EMGEOCS. E-mail: dione.salviano@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pós-doutoranda em Educação nas Ciências pela Unijuí. Professora de Geografia. Integrante do grupo de pesquisa EMGEOCS. E-mail: alanardeon@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Geografia pela UFFS. Professora de Geografia na educação básica estadual. Integrante do grupo de pesquisa EMGEOCS. E-mail: paulacarvalho.geografia@gmail.com.

**XXII ENACED – II SIEPEC**

formas de ensinar, para que os estudantes possam tornarem-se questionadores das informações recebidas, da mesma forma reflexivos e críticos frente a elas. Mas esse não é um processo fácil, pois assim como as tecnologias facilitam o acesso à informação, elas também acabam por difundir *fakenews*, o que demanda do processo de ensino um conjunto de saberes para que a prática educativa se efetive (FREIRE, 2013).

Nesse sentido, este texto objetiva discutir a importância do pensamento crítico na geografia escolar. O pensamento crítico em nossa concepção, é aquele que possibilita pensar abstratamente o mundo, tendo início no mundo da vida. O conhecimento escolar oportuniza que por meio dos conceitos e categorias de análise propostas por Santos (2014)<sup>4</sup> os estudantes consigam construir a sua visão e o seu entendimento de mundo. Para discutir tal objetivo, o trabalho é bibliográfico de cunho qualitativo tendo como referência as discussões realizadas, principalmente, por Paulo Freire no livro “Pedagogia da Autonomia” no âmbito da educação e Helena Copetti Callai em seus escritos sobre a educação geográfica.

Para tal faz um resgate aos saberes da educação para a autonomia como: formação científica, reflexão, problematização, diálogo, e os entende como aportes necessários para o desenvolvimento do pensamento crítico na geografia escolar. Após discute como a geografia pode contribuir para o pensamento crítico. Ao realizar um debate teórico trazendo o pensamento crítico como fundamental nas práticas da geografia escolar entende-se que a relevância do aprendizado vincula-se justamente ao que o educando é capaz de associar ao seu cotidiano e compreender, construindo sua própria relação com o conhecimento.

### **O Pensamento Crítico para a Autonomia na educação escolar**

A premissa de que a escola é o lugar do conhecimento sustenta-se a partir do fato de que ensina saberes não aprendidos em outros lugares, como em casa, pela família, pela sociedade ou outras instituições sociais. Para Marques (1995, p. 10) a escola é o “lugar social das aprendizagens intencionadas e sistemáticas”, ou seja, é nela que são ensinados

---

<sup>4</sup> As categorias de análise permitem que o entendimento dos fenômenos do mundo que por meio do procedimento de análise ocorrem de forma fragmentada, sejam novamente pensados no sentido de totalidade. Nesse sentido, Santos (2014, p. 69) propõe quatro categorias para pensar o espaço geográfico, conceito chave da geografia. “Forma é o aspecto visível da coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. Função de acordo com o dicionário Webster, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. Estrutura implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. Processo pode ser definido como uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança”.

**XXII ENACED – II SIEPEC**

conhecimentos científicos. Esse conhecimento é abstrato e provém das ciências de alta complexidade, por isso, possibilita que o aluno construa um conhecimento teórico sobre o mundo e coloca uma grande responsabilidade na educação escolar.

Esses conhecimentos, tidos como científicos possibilitam pensar, “o quê das coisas o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê ou contra quem” (FREIRE, 2000, p. 102). Para o autor, essas “são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo” (Ibidem, p.102). Esse entendimento reforça o papel da escola como lugar do conhecimento sistemático, conhecimento que possibilita o pensar crítico para a formação humana e cidadã dos estudantes.

Para buscar uma educação por esse viés, assumindo uma postura que se coloca de forma contrária às práticas de desumanização, temos como base a obra “Pedagogia da Autonomia” de Freire para identificar saberes que acreditamos serem basilares para a prática educativa a fim de tornar o estudante sujeito autônomo do processo de ensino de forma a construir o pensamento crítico. No Quadro 1 apresentamos os saberes e uma breve descrição do que significa no cenário educacional.

Quadro 1 –Saberes importantes para a prática educativa

<b>Formação Científica</b>	A formação científica é a principal atribuição da educação escolar, por meio dela é possível que a curiosidade ingênua (saberes que os estudantes carregam de suas vivências) por meio do processo de ensino torne-se em curiosidade epistemológica. Essa é a curiosidade dotada de conhecimentos conceituais. Os conceitos possibilitam pensar o mundo abstratamente e não apenas como lugar de vivência.
<b>Problematização</b>	Problematizar é não aceitar tudo com naturalidade, é estranhar aquilo que nos é imposto como verdade absoluta, caminho esse fecundo para o desenvolvimento do pensamento crítico.
<b>Reflexão</b>	Imbuídos de conhecimentos, os estudantes podem desenvolver a capacidade de refletir sobre as coisas do mundo “o quê”, “porque”, “para que”, “para quem”.
<b>Diálogo</b>	O conhecimento dá abertura ao diálogo, e permite que os estudantes abram-se ao mundo e aos outros por meio de uma relação dialógica confirmada através da inquietação e da curiosidade.

Fonte: SALVIANO; DEON; CARVALHO (2022) com base Freire (2013)

Esse conjunto de saberes, pode tornar possível a formação de estudantes que tenham uma base teórica para interpretar o mundo, de forma a problematizar tudo que é duvidoso, de refletir sobre aquilo que está posto buscando possíveis soluções, que por meio do diálogo

**XXII ENACED – II SIEPEC**

respeitoso pode gerar novas ideias e conhecimentos. Por isso, para Freire (1987, p 45):

Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada.

A importância do pensamento crítico também é expressa pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que embasa, atualmente, o currículo escolar brasileiro e traz como uma de suas competências o pensamento científico, crítico e criativo como uma habilidade para que seja possível:

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. (BRASIL, 2018, p.9).

Essas habilidades podem ser desenvolvidas por meio das disciplinas do currículo, seus conteúdos ao utilizar estratégias pedagógicas e metodológicas que deem conta de contextualizar os conhecimentos com a vida dos alunos. Juntas essas estratégias são fundamentais à construção do pensamento crítico de forma a proporcionar aos educandos, conhecimentos que proporcionem compreender as exigências do mundo atual, podendo assim participar plenamente de uma sociedade democrática, não ficando preso ao reducionismo do conhecimento teórico sem a prática ou vice-versa.

Com base no pensamento de Freire, acreditamos que a educação escolar pode corroborar para a formação de cidadãos capazes de analisar as transformações que ocorrem no mundo, por meio do conhecimento científico. Isso pode ocorrer com a intermediação dos saberes, tidos como essenciais para a prática educativa. Quando falamos sobre o mundo, os processos que nele se materializam, e a busca pela sua compreensão, tratamos da importância da geografia, como disciplina do currículo escolar, pois seus conteúdos podem contribuir para o entendimento da relação entre sociedade e natureza, ou seja, entende que o estudante é parte do mundo e assim pode modificar e ser modificado.

**A Geografia como potencializadora do Pensamento Crítico**

**XXII ENACED – II SIEPEC**

A geografia é uma ciência e uma disciplina escolar, que tem por objetivo estudar o espaço geográfico, pois é nele que se materializam as relações, interações e processos entre sociedade e natureza. Por isso, a geografia pode ter uma contribuição significativa para a construção do pensamento crítico e reflexivo por meio do ensino de seus conceitos e categorias da análise, que possibilitam pensar o mundo e a realidade em que vivemos. Pensar o mundo torna-se demasiado importante, pois faz desnaturalizar o natural, estranhar aquilo que nos é imposto como verdadeiro, sendo esse um exercício para o pensamento crítico.

Contudo, em muitos contextos, as aulas de geografia têm se pautado em um conjunto de informações e dados isolados sem significado e sentido para a vida do estudante. O ensino planejado tem se pautado em conteúdos fragmentados, sem relação entre si e com o mundo da vida do estudante. Podemos citar como exemplo quando em aula ensina-se sobre o relevo, sem mostrar a sua relação com a economia, a população, o clima e demais assuntos da vida. Assim, os conteúdos são tratados de forma separada, como se não houvesse relação entre si. Desta forma, os estudantes têm dificuldade de conectarem os saberes, de forma a perceber que a importância do clima para as atividades humanas e também que outras características naturais influenciam fortemente na economia e no modo de vida da população.

É na busca pelo ensino da relação entre os fenômenos que se materializam no espaço, que geografia pode ter uma contribuição significativa para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo por meio de seus conceitos e categorias analíticas, envolvendo a superação do pensamento ingênuo para a construção do pensamento epistemológico. Esse entendimento torna-se fundamental, pois à medida que os fenômenos do mundo tornam-se mais desafiadores e complexos, a capacidade para interpretá-los também precisa caminhar neste sentido. E isso pressupõe que os estudantes sejam dotados de instrumentos intelectuais para compreender tal complexidade.

O pensamento epistemológico considera os saberes dos educandos, do seu mundo de vida, relacionado a esses com conceitos e categorias que embasam cada disciplina escolar, de forma a desenvolver processos de abstração. Esse processo de pensar o mundo torna-se uma prática “aberta à possibilidade de questionar o que se faz, de incorporar de fato os interesses dos alunos, e de ser capaz de produzir a capacidade de pensar, agindo com criatividade e com autoria de seu pensamento” (CALLAI, 2001, p. 134).

A educação geográfica considera que os conceitos geográficos de espaço, lugar, paisagem, região, território e espaço são os instrumentos intelectuais que a geografia tem para

**XXII ENACED – II SIEPEC**

interpretar o mundo. A sua construção, aliada às categorias forma, função, estrutura e processo (SANTOS, 2014) permitem que o mundo seja compreendido em sua totalidade e não mais pela perspectiva fragmentadora. Vejamos a compreensão de Straforini (2011, p.53)

Se num estudo for definido o território como o suporte geográfico para se dar a explicação, para que esse não perca o sentido de totalidade, deve-se, então, analisá-lo utilizando as categorias analíticas forma, função, processo e estrutura. Essas quatro categorias analíticas conferem a cada categoria geográfica a noção de totalidade. Na verdade, tanto as categorias geográficas quanto as filosóficas são essenciais, logo, uma não pode ser feita sem a outra, elas são, pois, amalgamadas.

Dessa forma, esses conteúdos por meio das categorias podem ser operacionalizados de forma a entender o espaço geográfico em sua totalidade, articulando com problemáticas postas no cotidiano dos estudantes, dialogando e refletindo sobre possibilidades de soluções. Entendemos ser esse um caminho para que a geografia potencialize o pensamento crítico.

Ainda Callai (2001, p. 134) entende que “o ensino de Geografia, bem como dos demais componentes curriculares, tem que considerar necessariamente a análise e a crítica” como parte do seu processo de leitura do mundo. Desta forma, promover o pensamento crítico pode ser uma alternativa para desenvolver cidadãos capazes de refletir criticamente sobre a realidade e participar em debates sobre questões sociais, econômicas e ambientais. Assim, as decisões do cotidiano de cada um poderão interagir com as demais pessoas e lugares em níveis locais, regionais, nacionais e mundiais, possibilitando

perceber a realidade pelo viés da geografia seria então uma maneira de entender o cotidiano por meio de critérios científicos. E, assim como a realidade se apresenta, dinâmica e mutável, cabe a disciplina acompanhar essas mesmas vicissitudes (ALVEZ E MORAES, 2021.p.2)

É fato que educadores têm dificuldade de ensinar os educandos a pensarem como os problemas globais afetam ou influenciam a sua vida cotidiana. Isso ocorre, devido a dificuldade de se pensar os conteúdos de forma a considerar os conceitos e categorias de análise, pois são o suporte para que não se perca o sentido da totalidade que envolve os conteúdos de ensino. Contudo, não existem fórmulas prontas para ensinar a pensar de forma complexa, mas existem caminhos, como apontados nessa discussão, que permitem que cada sujeito possa pensar dentro das suas singularidades.

Nesse sentido é importante a escola e as disciplinas colaborarem para que os educandos tornem-se também criativos, críticos, reflexivos, já que é um espaço de construção de conhecimento, erros e acertos. Ou seja, a escola precisa

**XXII ENACED – II SIEPEC**

oportunizar ao aluno o exercício da crítica e da interpretação da vida no mundo comum pode ser um dos objetivos da geografia e ao trabalhar com os conteúdos, construindo os conceitos, pode-se estar trilhando o caminho que fundamenta o ensino de geografia com o aprendizado significativo. (CALLAI, MORAES, 2017, p. 85)

O aprendizado vivenciado e experimentado a partir de sua própria interação tem um significado diferente e torna-se mais importante para cada estudante, pois ali está o fruto de seu trabalho, de sua relação com o mundo. Ser sujeito de transformação implica nesse relacionamento próximo com a compreensão e a interpretação da realidade. Então “aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento”. (CALLAI, 2000, p. 93).

Essa discussão sinaliza possibilidades da Geografia contribuir para desenvolver o pensamento crítico e a autonomia do educando.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A discussão sobre a relevância do pensamento crítico na Geografia Escolar, neste texto, proporcionou compreender que alguns saberes são necessários para atingir esse propósito, seja na educação como um todo seja na geografia. Tanto Freire quanto Callai, possuem uma mesma linha de pensamento, incentivando uma prática que seja libertadora, conectada ao cotidiano do estudante e que produza conhecimentos significativos a partir da interação com o ambiente.

Para propor um processo educativo crítico de forma a superar a educação bancária, Freire considera a formação científica como aporte teórico fundamental, pois a academia transcende o saber senso comum e permite o desenvolvimento de conhecimentos conceituais. Essa exploração incentiva uma visão problematizadora, sem aceitar verdades absolutas, estimulando questionamentos. A partir disso, a reflexão permite conhecer diferentes realidades e caminhos e o debate constrói outras possibilidades.

**XXII ENACED – II SIEPEC**

Corroborando com Freire, Callai apresenta a Educação Geográfica, dentro da Geografia Escolar, como uma aliada na proposta de visão crítica na sala de aula. Destaca o potencial de leitura da realidade que a geografia promove, sendo um caminho fértil para a construção de um pensamento crítico. Para a autora, trabalhar com a aprendizagem baseada na realidade vivida pelo estudante é prepará-lo para olhar de forma analítica o ambiente, reconhecer sua formação e transformação e, a partir disso, propor intervenções exercendo assim sua cidadania.

É consenso que o papel da educação é preparar os estudantes para a vida adulta, para que sejam autônomos, críticos e que sejam capazes de mudar realidades desiguais e injustas. Nesse sentido, o pensamento crítico é um aporte necessário para que as leituras superficiais do mundo não mascarem a realidade e preparem cada pessoa para se colocar em evidência como um cidadão consciente.

**REFERÊNCIAS**

ALVEZ, Rodrigo Alves. MORAES, Jerusa Vilhena. **Resolução de problemas e raciocínio geográfico: diálogos possíveis**. Anais do XIV encontro nacional de pós graduação e pesquisa em Geografia, 2021. 1 a 14 pág.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC; Consed; Undime, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 2018.

CALLAI, Helena Copetti; Estudar o lugar para entender o mundo. In: CATROGIOVANNI, Antônio Carlos (org); CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83 – 134.

CALLAI, H. C.; MORAES, M. M. de. Educação Geográfica, Cidadania e Cidade. **Revista ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial 2014, p. 82-100. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/4771> Acesso em: 12 jul. 2022.

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a Escola: Muda a Geografia? Muda o Ensino?** Revista Terra Livre, n. 16. (p. 133-152). São Paulo, 2001

CALLAI, H. C. MORAES, M. M. **Educação geográfica, cidadania e cidade**, ACTA Geográfica, Boa Vista, Edição Especial 2017. p.82-100

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 46º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MARQUES, M. O. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí:

**Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)**

**XXII ENACED – II SIEPEC**

Editora Unijuí, 1995.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade-mundo**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Programa de Pós-Graduação em Geociências: área de educação aplicada a geociências, Campinas, SP, 2001.